

## TOMÁS DE AQUINO E A QUESTÃO DO USO DOS ANIMAIS.

*Paulo S. Terra* - Universidade Estadual de Santa Cruz.

*Resumo:* As ideias de Tomás de Aquino concernentes ao uso dos animais pelo homem baseiam-se no primeiro capítulo do livro do Gênesis; o Aquinate crê que Deus deu ao homem domínio sobre os seres vivos e que os animais existem inteiramente para servir a humanidade. Tomás de Aquino defende, contudo, que o domínio sobre os animais conferido pelo Criador ao homem não é absoluto e admite injunções com o intuito de evitar atitudes cruéis. Alguns filósofos contemporâneos, como o australiano Peter Singer, criticam as posições do Aquinate por se centrarem exclusivamente nos interesses dos seres humanos e afirmam que isso não contribui para a mudança das atitudes humanas relativas aos animais e apenas encorajam a exploração abusiva da natureza. Propõe-se no presente artigo que as doutrinas de Tomás de Aquino podem efetivamente prover fundamento sólido para justificar mudanças nas relações entre os homens e os animais.

*Palavras-chave:* Tomás de Aquino, ética ambiental, ética do uso de animais, ecotomismo.

*Abstract:* Thomas Aquinas' ideas concerning the human uses of animals are based on the first chapter of Book of Genesis; Aquinas taught God gave man dominion over the living beings, concluding that animals existed entirely to serve humankind. But Aquinas advocated that man's dominion over animals granted by the Creator is not absolute and admitted some injunctions in order to avoid cruel habits. Some contemporary philosophers – like the Australian Peter Singer – have criticised the Aquinas' statements for being centred only on human beings interests, adding that this does not contribute to change human attitudes toward animals and only encourages the overexploitation of nature. This article proposes that the doctrines of Thomas Aquinas concernig the uses of animals can effectively provide a solid foundation to support changes in the human relations with animals.

*Keywords:* Thomas Aquinas, environmental ethics, animal ethics, ecotomism.

Em algumas questões da *Suma Teológica*, Tomás de Aquino trata do problema do uso dos animais pelo homem. O Aquinate examina como se estabeleceu o domínio do homem sobre os animais, se é lícito que o homem os mate e os use como alimento e se há limites morais para a utilização deles.

A questão do domínio do homem sobre os animais é um dos tópicos fundamentais do pensamento ambientalista contemporâneo. Discute-se intensamente a propósito de como se devem dar as relações entre a espécie humana e as espécies animais e sobre que fundamentos se devem estabelecer essas relações. Não são poucos os que defendem a necessidade urgente de mudanças radicais de atitudes, de modo a que o tratamento dos animais cresça

significativamente em benevolência. Para os analistas mais radicais, há mesmo que eliminar o domínio do homem sobre os animais, que tem dimensões de tirania.

É comum que os pensadores ambientalistas contemporâneos tributem de algum modo ao livro do Gênesis e ao pensamento cristão a sustentação teórica de todos os comportamentos modernos comumente dirigidos aos seres naturais em geral e aos animais em particular<sup>1</sup>. Nessa linha de pensamento, destaca-se o filósofo australiano contemporâneo Peter Singer<sup>2</sup>, notável teórico da defesa dos animais e autor de texto capital nesse assunto<sup>3</sup>. Singer dedica atenção especial ao pensamento cristão e o critica duramente, pois crê que nele se encontra uma das defesas mais fortes e mais antigas do domínio desmedido dos homens sobre os animais. Para Singer, os pilares de sustentação dessa doutrina cristã de dominação encontram-se, sobretudo, na *Suma Teológica* de Tomás de Aquino<sup>4</sup>.

Há, pois, que examinar em que medida as considerações tomasianas sustentam ou não os atos humanos dirigidos aos animais, quer sejam eles aprovados ou não pelas escolas de pensamento ambientalista mais influentes da atualidade. O método para esse estudo consiste no seguinte: 1) Extrair da *Suma Teológica*<sup>5</sup> os tópicos que tratam das relações humanas com os animais; 2)

---

<sup>1</sup> Cite-se a propósito disso WHITE JR., L. *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*. *Science*, 155: 1203 – 1207, 1967. Trata-se de um dos textos de fundação do atual pensamento ambientalista; o autor, o historiador estadunidense Lynn White Jr., atribui ao cristianismo a justificação de todas as atitudes geradoras da crise ambiental característica de nosso tempo.

<sup>2</sup> Peter Albert David Singer (1946-), australiano, natural de Melbourne; atualmente professor de bioética na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

<sup>3</sup> Trata-se do livro *Animal Liberation*, a que se farão referências neste artigo, segundo a tradução brasileira. SINGER, P. *Libertação animal* [*Animal Liberation*; 1975, 1990, 2003]. Tradução: Marly Winckler. Porto Alegre, São Paulo: Lugano. 357 p., 2004. Nesse livro (*op. cit.*, p. 8), adota-se o termo *especismo*, para denominar a doutrina defendida pelos que sustentam que os interesses de sua própria espécie devem sobrepor-se a qualquer interesse dos membros de uma outra espécie. Outra obra importante de Singer é o livro *Ética prática* [*Practical Ethics*; 1993]. Tradução: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 399 p., 1998]. O pensamento de Singer insere-se na linha da moral utilitarista fundada por Jeremy Bentham (1748 – 1832). Singer busca estabelecer as bases da conduta moral em princípios universais que levem em conta favoravelmente os interesses dos afetados pelas ações.

<sup>4</sup> SINGER, P. *Libertação animal*, pp. 220 – 222, aponta as passagens seguintes: *S.Th.* II-II, q. 64, a. 1; *S.Th.* II-II, q. 159, a. 2; *S.Th.* I-II, q. 72, a. 4; *S.Th.* II-II, q. 25, a. 3; *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6, ad 8. O que Singer acredita ser o especismo cristão tem nas passagens mencionadas, segundo o filósofo australiano, os principais elementos de sustentação.

<sup>5</sup> Valeu-se aqui da *Suma Teológica* traduzida por Alexandre Corrêa, publicada em edição bilingue, latim e português, pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul e Livraria Sulina Editora, segunda edição, 1980-1981; todas as citações da *Suma Teológica* constantes do texto deste artigo são da tradução de A. Corrêa. Usou-se também a edição eletrônica em língua inglesa disponível na rede mundial de computadores, que é muito

Comparar os ensinamentos de Tomás com os sustentados hoje em dia por autoridades em ética ambiental<sup>6</sup>, sobretudo com as ideias defendidas pelo filósofo utilitarista Peter Singer<sup>7</sup>; 3) Discutir alguns modos de usos de animais na atualidade à luz tanto das ideias do Aquinate e do seu crítico utilitarista.

## 1. TOMÁS DE AQUINO E A QUESTÃO DO DOMÍNIO DOS ANIMAIS PELO HOMEM.

### *O fundamento do domínio humano*

Os elementos basilares da análise que o Aquinate faz da questão do uso dos animais parecem encontrar-se no exame que ele faz da passagem do livro do Gênesis (1, 26), em que Deus determina que o homem *reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra*. Isso se dá quando Tomás examina a questão<sup>8</sup> que trata de ter Adão dominado ou não os animais quando vivia inocentemente no paraíso terrestre, antes do pecado original. A discussão do problema do uso dos animais segundo Tomás de Aquino começa então pela análise de como se iniciou a relação entre os homens e os animais. O Aquinate vai, obviamente, ao livro do Gênesis buscar os elementos basilares para a discussão desse assunto. Na questão 96 da primeira parte da *Suma Teológica*, no artigo primeiro<sup>9</sup>, analisa Tomás o problema de ter Adão exercido dominância sobre os animais quando vivia em estado de inocência no paraíso terreal. Tomás conclui, com base na mencionada passagem bíblica, que os animais estavam sim submetidos a Adão e que esse estado, justo e natural, permanece mesmo após a queda.

Resumidamente, a análise de Tomás de Aquino é a seguinte:

Inicialmente o Aquinate opõe quatro argumentos a que Adão tenha dominado os animais antes da queda: 1) Se Adão dominasse efetivamente os animais, então não seria necessário que os anjos levassem os animais até ele para a nomeação<sup>10</sup>; 2) Seria impossível a Adão manter sob seu domínio animais com

---

útil para a localização de palavras: *St. Thomas Aquinas Summa Theologica, IntraText Library* - <http://www.intratext.com/x/eng0023.htm>.

<sup>6</sup> Por *ética ambiental* deve-se entender a subdivisão da ética que estuda as relações entre a espécie humana e os seres naturais.

<sup>7</sup> É extensa a obra de Peter Singer. Para o propósito do presente estudo parece bastar os já mencionados livros *Libertação Animal* e *Ética Prática*.

<sup>8</sup> *S.Th.* I, q. 96 - *Do domínio que tocava ao homem no estado de inocência/ De domínio quoad homini in statu innocentiae competebat.*

<sup>9</sup> *S.Th.* I, q. 96, a. 1 – *Se Adão no estado de inocência tinha domínio sobre os animais/Utrum Adam, in statu innocentiae, animalibus dominaretur.*

<sup>10</sup> Aqui Tomás se refere a AGOSTINHO. *De Genesi ad litteram.*, IX, 14.

interesses opostos como, por exemplo, a ovelha e o lobo; 3) Deus deu domínio a Adão sobre os animais, mas ele não o exercia efetivamente, porque necessitava deles; o domínio começou depois da queda quando então o homem passou a necessitar dos animais e passou a fazer uso deles <sup>11</sup>; 4) Dominar significa estabelecer normas e preceitos, o que só pode ser feito com relação a seres racionais e como os animais são irracionais, Adão não os podia dominar.

A esse quarteto de objeções contrapõe Tomás com um trecho do livro de Gênesis (1, 26), em que se lê: *Presida [o homem] aos peixes do mar, às aves dos céus, às bestas e a todos os répteis que se movem sobre a terra.*

Conclui o Aquinate que Adão já no estado de inocência dominava irrestritamente todos os animais. Esclarece que o domínio humano se dava por três razões: 1) É da ordem natural que o imperfeito sirva ao mais perfeito: assim, diz Tomás, a planta vive da terra, os animais das plantas e o homem das plantas e dos animais; o domínio dos animais pelo homem é, pois, absolutamente natural<sup>12</sup>; 2) a ordem natural divina determina o governo do inferior pelo superior; sendo o homem a criada imagem de Deus, ele está naturalmente acima dos animais e por isso os domina; 3) A sujeição dos animais ao homem decorre naturalmente de ser o homem dotado de poder sobre o mundo prático, e o instinto natural dispõe os animais aos interesses do homem.

Tomás estabelece a réplica às objeções assim: 1) Foi necessária a intermediação dos anjos na reunião dos animais perante Adão apenas porque o poder angelical supera o humano e Adão sozinho não teria como reunir todos os animais simultaneamente; 2) A discórdia natural entre os animais<sup>13</sup> não limita o domínio do homem sobre eles; as galinhas, por exemplo, sempre serviram de alimento aos falcões; após a queda, o interesse divergente dessas espécies não limita o domínio humano, que pode manter ambas as espécies em cativeiro, por exemplo, alimentando os falcões com galinhas; 3) Como no estado de inocência não era necessário cobrir o corpo, não era necessário recorrer aos animais para a obtenção de material para a confecção de roupas; eram também os animais

---

<sup>11</sup> Neste ponto Tomás cita Jerônimo, sem indicar a obra. A edição eletrônica da *Suma* em língua inglesa diz que Tomás se equivocou e atribuiu a Jerônimo texto de Beda: “*The words quoted are not in St. Jerome's works. St. Thomas may have had in mind Bede, Hexaem., as quoted in the Glossa ordinaria on Gn. 1: 26*” - *St. Thomas Aquinas Summa Theologica, IntraText Library* - [http://www.intratext.com/IXT/ENG0023/\\_P3S.HTM](http://www.intratext.com/IXT/ENG0023/_P3S.HTM). No texto latino que acompanha a tradução de Alexandre Corrêa em língua portuguesa encontra-se: *Hieronymus (Cf. Bedan, in Hexam.) dicit ...* (Suma Teológica, vol. II, p. 859).

<sup>12</sup> Nesta ideia, Tomás recorre a Aristóteles a propósito do que se encontra na obra *Política*, I, 5, em que o Estagirita defende a justiça e a naturalidade do uso dos animais pelo homem.

<sup>13</sup> Tomás inicia o argumento rejeitando a ideia defendida por alguns de que não havia carnivorismo antes do pecado. O Aquinate apóia-se no comentário de Beda ao conteúdo de *Gênesis* 1,30 e afirma que está claro na passagem que as plantas foram dadas como alimento a alguns animais, mas não a todos, existindo, pois, desde a criação, animais carnívoros.

desnecessários para a alimentação, pois a condição alimentar humana era estritamente vegetariana; os animais nem mesmo eram úteis para carga e transporte, pois o corpo humano na condição edênica era muito forte; os animais eram necessários apenas para o conhecimento do homem; 4) Há indicativos na natureza que o instinto dispõe os animais a atos de submissão prudente como, por exemplo, o seguimento de líderes pelas aves<sup>14</sup> e a sujeição das abelhas a sua rainha; destarte, conclui Tomás, pois, que é natural que todos os animais obedeam ao homem, como o fazem os até agora domesticados.

Parece, assim, que se deve considerar para a discussão da questão do domínio do homem sobre os animais que, para Tomás de Aquino, isso se dá desde os inícios. A justificação desse poder especial encontra-se certamente na condição diferenciada do homem em relação aos outros seres naturais, por ser ele criado à imagem de Deus. Em *S.Th.* I, q. 93, a. 2, Tomás afirma que não se encontra nas criaturas irracionais essa marca divina e estabelece sua argumentação numa passagem de Agostinho<sup>15</sup> que assegura que a posse do intelecto reflete a condição humana de imagem de Deus e por isso o homem é superior aos animais<sup>16</sup>. O homem sempre foi superior aos animais e é em termos dessa superioridade natural que se deve discutir como se dão e como se devem dar as relações entre os homens e os animais.

Nos termos colocados pelo Aquinate, o domínio do homem sobre os animais no início restringe-se exclusivamente ao conhecimento, mas passa posteriormente a incluir o uso. É a queda que marca a diferenciação entre os dois tempos, não a condição de domínio em si, que existe sempre, como já dito, por ser o homem naturalmente superior aos demais animais, por ter sido criado à imagem de Deus e ter sido colocado à frente de todas as criaturas. Por que e de que modo passa o homem a servir-se dos animais?

Na vida edênica, o homem não necessitava dos animais para nada, exceto para conhecê-los. Esclarece Tomás de Aquino, que embora o corpo humano no estado de inocência estivesse protegido de todo o tipo de males e danos, havia que repor a matéria corporal constantemente pela alimentação, mas nela não se incluía o consumo de carne. O homem no paraíso terreno usava apenas os seres inanimados e as plantas. Além disso, no estado de inocência, o homem sabia

---

<sup>14</sup> Tomás refere-se especificamente ao grou (*Grou grou Linnaeus*, 1758), ave migratória europeia que voa em formação de V, comportamento que deve ter definido a citação da ave para exemplo do assunto discutido.

<sup>15</sup> A dita passagem agostiniana está em *De Genesi ad litteram*, VI, 12: “É excelente no homem o havê-lo feito Deus à sua imagem e semelhança, porque lhe deu um espírito inteligente pelo qual é superior aos animais”.

<sup>16</sup> Já havia antes dito o Aquinate a esse propósito em *S.Th.* I, q. 3, a. 1, ad 2: “O homem é mais excelente que todos os animais, pela razão e pelo intelecto. Donde, pelo intelecto e pela razão, que são incorpóreos, é a imagem de Deus”.

conviver com os animais sem se prejudicar, pois o conhecimento que tinha o protegia de todo o perigo que os animais poderiam causar. Outras passaram a ser, pois, as relações do homem com os animais após a queda. Perdida a proteção especial de que gozava, o homem passa a necessitar dos animais como fonte de alimento e de materiais e eles se tornam também fonte de perigo e danos para ele. O homem não perde o domínio sobre os animais, mas passa a exercê-lo de outro modo.

## 2. TOMÁS DE AQUINO E AS CONDIÇÕES DO USO DOS ANIMAIS PELO HOMEM.

### *Da licitude de matar animais, segundo Tomás de Aquino*

Quando se discute a questão do uso dos animais, há que analisar a sua utilização na alimentação humana, sobretudo se isso implica na morte deles. Para examinar esse assunto, Tomás de Aquino destinou todo um artigo<sup>17</sup> da *Suma Teológica* para tratar da licitude da de matar os seres vivos.

No dito artigo, o Aquinate expõe três objeções a que o homem mate qualquer tipo de ser vivo: 1) Deus teria ordenado que se conservassem todos os seres vivos, visto que ele criou uns para a existência dos outros, como se depreende de um trecho dos salmos em que se diz que Deus produziu pastagens nos montes para o gado<sup>18</sup>, pelo que não poderia o homem matar seres que não lhes são destinados; 2) Se o homicídio é pecado, pois consiste em tirar a vida de um homem, não pode ser diferente o tirar a vida de plantas e de animais, pois eles também têm vida; 3) Se Deus determina leis específicas para a punição de pecados e há no livro do Êxodo<sup>19</sup> uma ordenação divina referente a causar a morte de bois e ovelhas, pelo que se conclui que matar animais é ilícito.

Tomás contrapõe às três objeções supracitadas uma citação de Agostinho<sup>20</sup>, que afirma que o mandamento de não matar aplica-se exclusivamente aos seres humanos, não valendo para as plantas e animais.

---

<sup>17</sup> *S.Th.* II-II, q. 64, a. 1 – *Se matar quaiquer seres vivos é ilícito/ Utrum occidere quaecumque viventia sit illicitum.*

<sup>18</sup> O Aquinate usa na construção desta objeção o que se encontra no *Salmo* 147 (146-147), 8-9; antecede a menção ao salmo um trecho paulino (*Romanos* 13,2) que recorda a necessidade de obedecer os ordenamentos de Deus, no qual Tomás apóia o argumento de que se a providência divina destinou certas plantas especialmente para o uso do gado, é ilícito ao homem matá-las, e se ele o fizer estará cometendo ato de desobediência.

<sup>19</sup> *Êxodo* 22,1.

<sup>20</sup> *De civitate Dei* I, 20: “Quando ouvimos dizer – não matarás – não entendemos como aplicado aos vegetais que dão fruto, porque não teria sentido; nem aos animais irracionais, que não participam conosco da razão. Resta, portanto, que entendamos o dito – não matarás – como aplicado ao homem”.

No desenvolvimento da solução da questão, o Aquinate remata seus argumentos com duas passagens do livro do Gênesis<sup>21</sup> em que se afirma que Deus colocou as plantas e os animais à disposição do homem. Antes disso, Tomás disse que sendo da ordem natural que os seres menos perfeitos sirvam aos perfeitos, é lícito que se valha o homem das plantas e dos animais para seu proveito, ainda que tenha de matar as plantas para proveito dos animais e tirar a vida destes, se isso lhe for de alguma utilidade<sup>22</sup>.

Quanto à refutação das três objeções apontadas à licitude de que o homem tire a vida de plantas e de animais, Tomás argumenta que: 1) Deus dispôs sobre a conservação da vida das plantas e dos animais, não pelo que ela valha por si mesma, mas pelo que ela vale por causa dos interesses do homem<sup>23</sup>; 2) Plantas e animais têm vida, mas não têm vida racional, pelo que não se pode comparar a vida deles com a do homem, pois eles não têm autonomia de ação e agem em função dos outros seres<sup>24</sup>; 3) O pecado de matar um boi ou ovelha não recai sobre o ato de tirar a vida do animal, mas sobre o ato de privar o proprietário dele de um bem, sendo, pois, que essa ação ilícita não se caracteriza como homicídio, mas como furto ou prejuízo patrimonial.

### 3. COMENTÁRIOS SOBRE AS CONSIDERAÇÕES TOMASIANAS EM PROL DA LICITUDE DE USAR E MATAR OS ANIMAIS.

#### *A crítica de Peter Singer a Tomás de Aquino*

---

<sup>21</sup> *Gênesis* 1, 29-30: “Deus disse: Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda erva verde por alimento”; *Gênesis* 9,3: “Tudo o que se move e vive vos servirá de alimento; eu vos dou tudo isto, como vos dei a erva verde”.

<sup>22</sup> Em apoio a essa afirmação, Tomás refere-se a Aristóteles, especificamente ao livro *Política*, I, 3. A ideia reaparece na *Suma* mais adiante (*S.Th.* II-II, q. 66, a. 1 - *Se é natural ao homem a posse de bens externos*); na solução da questão lê-se: “o homem tem naturalmente o domínio sobre as coisas externas; pois pela sua razão e pela sua vontade, pode usar das cousas externas para a sua utilidade, como se para si fossem feitas; pois sempre o mais imperfeito é para o mais perfeito, como já estabelecemos” [q. 64, a. 1].

<sup>23</sup> Aqui recorre o Aquinate uma vez mais a Agostinho, citando dele outro trecho do mesmo capítulo usado para sustentar a tese da licitude de o homem matar animais, qual seja *De civitate Dei* I, 20: “Por uma justíssima ordenação do Criador, a vida e a morte deles seres destinam-se ao nosso uso”.

<sup>24</sup> O fato de não serem autônomos, é para Tomás de Aquino sinal de que *são naturalmente submetidos e acomodados ao uso de outros seres.* (*S.Th.* II-II, q. 64, a. 1, *ad 2*).

Para alguns pensadores ambientalistas contemporâneos, as ideias referentes à licitude de o homem tirar a vida de animais conduz necessariamente a atitudes de domínio absoluto da natureza, e acabam por justificar até mesmo a extinção de espécies e o maltrato aos animais. Na defesa que faz em favor de mudanças radicais do comportamento humano em relação aos animais, Peter Singer empenha-se, como dito, em combater o pensamento cristão<sup>25</sup>, no qual ele crê encontrar-se a versão mais importante da base ideológica do domínio tirânico do homem sobre a natureza. Singer considera que o principal ideólogo cristão é Tomás de Aquino, que teria reunido na *Suma Teológica* todo o arcabouço teórico da justificação do domínio irrestrito do homem sobre a natureza, que apresentaria como primeiro elemento de sustentação a inexistência de proibição de matar seres não-humanos<sup>26</sup>.

Um ponto fundamental na sustentação das ideias de Peter Singer está na consideração de que o domínio do homem sobre os animais não consistiria simplesmente num conjunto desarticulado de práticas, mas num hábil e muito articulado sistema teórico<sup>27</sup>. Essa complexa teoria do domínio humano, que propiciaria que ele assumisse dimensões tirânicas, teria sido arquitetada por “destacados pensadores ocidentais”<sup>28</sup>. Nesse elenco de ideólogos, segundo Singer, Tomás de Aquino apareceria à frente dos demais e seria o responsável por uma das exposições mais claras e duradouras<sup>29</sup> da justificação do domínio humano irrestrito sobre os animais.

Singer desenha com clareza a sua estratégia para combater as teorias do domínio humano sobre a natureza. Há, primeiramente, que reconhecer a existência de um sistema teórico, cuja estrutura se deve conhecer minuciosamente. O filósofo australiano está certo de que a revelação da estrutura desses edifícios teóricos evidenciará que eles se assentam sobre fundamentos obsoletos, pelo que se tornará fácil a sua refutação. Singer entende que as teorias que visa a criticar não fazem mais do que ocultar meros interesses atrás de uma trama de ideias religiosas, morais e metafísicas, próprias da época em que são elaboradas. Para esclarecer essa técnica analítica, convém transcrever um texto do próprio moralista australiano, em que ele se refere explicitamente ao Aquinate:

---

<sup>25</sup> Isso é feito, sobretudo, no capítulo 5 do livro *Libertação animal*, intitulado *O domínio do homem... Uma breve história do especismo* (Singer, 2004, pp. 209 – 239).

<sup>26</sup> SINGER, P. (2004, pp. 219 – 220) transcreve quase na íntegra a solução tomaziana do artigo que trata da licitude de o homem matar animais (*S.Th.* II-II, q. 64, a. 1 – *Se matar quaisquer seres vivos é ilícito*).

<sup>27</sup> SINGER, P. 2004, p. 210. Singer, hábil polemista que é, escolhe palavras contundentes para expor suas ideias. Assim, o domínio do homem sobre os animais é colocado como tirania do homem sobre os animais.

<sup>28</sup> *IBIDEM*, p. 210.

<sup>29</sup> *IBIDEM*, p. 222.



“As atitudes para com os animais de gerações passadas não convencem mais porque se ancoram em pressupostos – religiosos, morais ou metafísicos – agora obsoletos. Como não defendemos mais nossas atitudes para com os animais da mesma forma que, por exemplo, São [sic] Tomás de Aquino defendia, temos de estar dispostos a aceitar que ele utilizou ideias religiosas, morais e metafísicas do seu tempo para mascarar os simples interesses dos seres humanos quanto ao modo de lidar com os animais. Se pudermos ver que as gerações passadas aceitaram como certas e naturais as atitudes que reconhecemos como camuflagens ideológicas para práticas que nos são convenientes – e, se, ao mesmo tempo, não pudermos negar que continuamos a utilizar animais para defender nossos interesses menores – poderemos ser convencidos a examinar, com uma visão mais cética, as justificativas de práticas que tomamos como certas e naturais”<sup>30</sup>.

Singer procede ao exame histórico<sup>31</sup> das teorias desenvolvidas no ocidente para dar conta da questão do uso dos animais. Entende o filósofo que essas teorias têm raízes judaicas e gregas que teriam sido apenas amalgamadas pelo cristianismo europeu, que cuidou assim apenas de aperfeiçoar a argumentação em

---

<sup>30</sup> *IBIDEM*, p. 211.

<sup>31</sup> O trabalho historiográfico de Singer está no já mencionado capítulo 5 do livro *Libertação animal*, intitulado *O domínio do homem... Uma breve história do especismo* (SINGER. P. 2004, pp. 209 – 239). Singer divide a história das atitudes ocidentais do homem como os animais em três partes: “pré-cristã, cristã e Iluminismo mais o período seguinte” (p. 211). Como se vê, Singer tem em baixa consideração o pensamento cristão: Os cristãos, segundo Singer, preocuparam-se exclusivamente com vida humana, que elevaram à condição de sagrada (p. 216). Julga Singer que o cristianismo não acrescentou nada na questão do uso dos animais em relação ao judaísmo (p. 216). Jesus, afirma o filósofo, era indiferente em relação aos animais, como mostraria o episódio dos dois mil porcos, e o apóstolo Paulo referiu-se desdenhosamente aos bois (p. 217). Diz o moralista australiano que o cristianismo não amenizou o comportamento humano em relação aos animais e ainda extinguiu o pouco que havia de benevolência (p. 218). Para Singer, “uns poucos cristãos expressaram alguma preocupação com os animais. Uma oração escrita por São Basílio incita a bondade com os animais, um comentário de São Crisóstomo faz o mesmo e também um ensinamento de São Isaac o Sírio. Houve até mesmo uns santos que, como São Neotério, sabotaram caçadas, salvando cervos e lebres dos caçadores. Mas essas figuras não conseguiram desviar o curso principal do pensamento cristão de sua preocupação exclusivamente especista.” (p. 219). Ao referir-se a Francisco de Assis, “a ilustre exceção à regra de que o catolicismo desestimula a preocupação pelo bem-estar dos seres não-humanos”, o filósofo australiano lamenta que “o amor de São Francisco pelos pássaros e bois não parece tê-lo impedido de comê-los; e quando estabeleceu as regras de conduta para os frades da ordem que fundou, não os instruiu a abster-se de carne, a não ser em dias de jejum.” (p. 224). Singer acredita que há sinais de que “o movimento ecológicos está começando a afetar os ensinamentos católicos” e ilustra isso transcrevendo um trecho da encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (1988) de João Paulo II (p. 222). Diz o filósofo, todavia, que ainda é cedo para dizer que haverá mudanças profundas no pensamento católico no tocante à questão dos animais (p. 223).

prol do domínio irrestrito do homem sobre os animais. Afirma o pensador australiano que apenas “à medida que os pensadores começam a assumir posições relativamente independentes da Igreja, surge uma visão mais esclarecida de nossas relações com os animais”<sup>32</sup>.

Para Singer, o núcleo do problema do cristianismo no que diz respeito às relações entre o homem e os animais reside na inexistência de proibição de matar outras criaturas que não os seres humanos. O cristianismo, segundo o parecer de Singer, teria “preocupação exclusivamente especista”<sup>33</sup> e a expressão máxima dessa forma de pensar estaria na *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. Singer atém-se no exame de *S.Th.* II-II, q. 64, a. 1, cuja solução cita quase na íntegra<sup>34</sup>. A partir desse texto de Tomás, Singer intenta convencer o leitor de que o Aquinate faz análise tendenciosa da questão de seres vivos de uma espécie matarem outro de espécie diferente. A alegação apresentada por Singer é a de que Tomás considera justificável apenas o ato de um homem matar um animal para comer e não o inverso, pois o Aquinate defenderia que apenas os seres “mais perfeitos” teriam razões para matar, enquanto os seres “imperfeitos” não o teriam<sup>35</sup>. Para Singer, segundo Tomás, apenas os seres humanos poderiam matar os outros animais para utilizá-los como comida, pois, como seres racionais podem justificar tal atitude, enquanto os seres irracionais não conseguiriam elaborar justificativa para o ato predatório e assim ao atacarem um homem para se alimentar não praticariam mais do que selvageria e brutalidade<sup>36</sup>, palavras depreciativas que não se aplicariam para qualificar o ato de predação humana. Não admitir nesse assunto avaliação absolutamente simétrica é para Singer algo inaceitável.

Singer ainda considera que o problema acima apontado seria ainda agravado pela não inclusão da morte de animais provocada pelo homem em nenhuma categoria de pecado, visto que não se pode pecar, segundo Tomás, a não ser

---

<sup>32</sup> SINGER, P. 2004, p. 211.

<sup>33</sup> *IBIDEM*, p. 219.

<sup>34</sup> *IBIDEM*, p. 219.

<sup>35</sup> O trecho da *Suma Teológica* citado por Singer é o que contém a menção a Aristóteles (*Política*, I, 3) e ao livro do Gênesis (1, 29-30 e 9, 3); com isso, o filósofo australiano ilustra a sua tese de que as teorias desenvolvidas no ocidente para tratar da questão do uso dos animais baseiam-se em ideias gregas e judaicas, das quais se nutria o pensamento cristão nesse assunto.

<sup>36</sup> Para sustentar esta afirmação, Singer (2004, p. 220) transcreve pequeno trecho de *S.Th.* II-II, q. 159, a. 2, *sol.*: “Os nomes de sevícia e feridade são aplicados por semelhança com as feras, também chamadas sevas. Pois esses animais atacam o homem para lhes nutrirem o corpo; nem por qualquer causa justa, que implica a ponderação racional”. (*S.Th.* II-II, q. 159 – *Da crueldade/ De crudelitate*; *S.Th.* II-II, q. 159, a. 2 – *Se a crueldade difere da sevícia ou feridade/ Utrum crudelitas a saevitia sive feritate differat.*)

contra Deus, contra si mesmo e contra um outro ser humano<sup>37</sup>. Queixa-se o filósofo australiano de que ao fazer isso, o Aquinate delimita a esfera da moralidade de modo a excluir totalmente e de forma definitiva os seres não-humanos, pelo que não haverá como alterar os modos humanos de agir em relação aos animais, de maneira que não haverá como aumentar a benignidade para com eles.

Singer ainda vê um agravante a mais nessas ideias, visto que considera que o Aquinate além de não se preocupar com a crueldade com os animais, também não inclui a caridade para com os animais como uma virtude. Segundo Singer, Tomás de Aquino sustenta que o homem não pode ser caridoso com os animais, pois a caridade só existe entre criaturas racionais, únicas às quais se pode desejar o bem, com as quais se pode estabelecer relações de amizade e com as quais se pode falar sobre a bem-aventurança eterna. Assim, Singer afirma que para o Aquinate só dedicamos cuidados aos animais se vislumbramos que com isso se produzirá algum bem que poderá ser fruído por um ser humano ou poderá honrar a Deus<sup>38</sup>. Singer rejeita fortemente essa ideia e externa seu descontentamento com ironia, ao dizer que em assim pensando, não se pode demonstrar amizade a um peru alimentando-o quando ele estiver esfomeado, mas se pode usar o mesmo peru para demonstra amizade a um ser humano ofertando-o a alguém para a ceia de Natal<sup>39</sup>.

A crítica de Singer a Tomás de Aquino encerra-se com a discussão de se o Aquinate reconhecia que os animais sofrem e em caso positivo se ele levava em consideração o sofrimento animal na conduta moral. Singer diz que se poderia

---

<sup>37</sup> Singer (2004, p. 220) faz referência a propósito desse assunto a *S.Th.* I-II, q. 72, a. 4. Nesse artigo, Tomás sustenta, apoiado em Isidoro de Sevilha (*De summo bono*), que o homem peca apenas contra Deus, contra si mesmo e contra o próximo.

<sup>38</sup> Essas ideias Singer (2004, p. 221) retira de *S.Th.* II-II, q. 25, a. 3, *sol.* Tomás de Aquino apoia seus argumentos em Aristóteles: 1) *De II Physica*, 6, retira ele a tese segundo a qual não se pode dizer, a não ser por analogia, que aos seres irracionais sucede-se algo de bom ou de mal; 2) *De VIII Ethica*, 5, o Aquinate toma a ideia de que a amizade envolve comunicação e disso conclui que como não há comunicação irrestrita entre o homem e o animal, não pode haver amizade entre eles; de outro ponto do mesmo livro do Estagirita (*VIII Ethica*, 2-3), Tomás já havia recorrido (*S.Th.* II-II, q. 23, a. 1, *sol.*) para mostrar que não se pode amar amistosamente o vinho ou o cavalo, isto porque não se pode fazer o bem a eles e nem receber o bem deles e que sem reciprocidade e sem comunicação não há amizade; assim sendo, não se pode praticar a caridade em relação a esses seres. Singer (*loc. cit.*) transcreveu, com pequenas adaptações, os trechos seguintes de *S.Th.* II-II, q. 25, a. 3, *sol.* segundo a tradução de Alexandre Corrêa: “[a criatura irracional] não é capaz de possuir nenhum bem; mas, só a racional, capaz de, pelo livre arbítrio, usar do bem que tem. (...) Por onde, não é possível termos amor de caridade para com a criatura irracional. Mas podemos, com caridade, amar as criaturas irracionais como bens que queremos para os outros; enquanto que, pela caridade, queremos que elas sejam conservadas, para a honra de Deus e a utilidade dos homens. E assim também Deus as ama com caridade”.

<sup>39</sup> SINGER, P. 2004, p. 221.

pensar inicialmente que o Aquinate não acreditava que os animais sofriam. Todavia, para Singer, essa hipótese não se sustenta pelo que se encontra em algumas passagens da *Suma Teológica*. O filósofo australiano põe-se, então, a analisar um dos artigos em que o Aquinate trata da observância das cerimônias pelos judeus<sup>40</sup>. Na análise relativamente longa que Tomás imprime quanto a se há ou não causa racional para as prescrições cerimoniais<sup>41</sup>, chamou a atenção de Singer um trecho em que o Aquinate comenta I Coríntios 9, 9, em que o apóstolo Paulo diz que Deus não se importa com os bois<sup>42</sup>. Singer transcreve um pequeno trecho que termina com a afirmação de que Deus não pede ao homem que lhe preste contas do que se fez como os bois o com qualquer outro animal. Feito isso, o filósofo utilitarista cita textualmente a frase em que Tomás afirma que até os animais irracionais são sensíveis à dor<sup>43</sup>; em seguida, adiciona mais uma transcrição tomasiana, que termina com uma citação veterotestamentária em que se afirma que o homem justo zela pela vida de seus animais<sup>44</sup>. Disso o filósofo australiano conclui que Tomás de Aquino não considera que a sensibilidade humana para com o sofrimento dos animais seja razão suficiente para justificar qualquer restrição ao uso deles. O máximo que poderia ocorrer, segundo deduz Singer da sua análise das ideias de Tomás, seria o estabelecimento de alguma proibição no tratamento de animais que visasse mais a prevenir as pessoas de praticar a crueldade contra os seres humanos do que de proteger os animais propriamente<sup>45</sup>.

---

<sup>40</sup> *IBIDEM*, p. 221.

<sup>41</sup> *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6 - *Se as observâncias cerimoniais tinham causa racional/ Utrum observatiarum caeremonialium aliqua fuerit rationalibus causa.*

<sup>42</sup> *S.Th.* I-I, q. 102, a. 6, *ad* 8. Em *I Coríntios* 9,9 lê-se: “Na Lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que debulha (*Dt* 25,4). Acaso Deus tem dó dos bois?” Tomada de maneira descontextualizada, a referência ao cuidado com os bois dessa conhecida passagem, pode dar a entender, e comumente o faz, que não há nenhuma cobrança moral do que se faz com os bois pelo que eles são em si mesmos. Contudo, como ensina o Aquinate em *S.Th.* I, q. 22, a. 2, *ad* 5, a passagem da carta aos coríntios diz que a criatura racional, por ter livre arbítrio, tem os seus atos avaliados segundo culpa e mérito e pode ser submetida a pena ou prêmio; em contrate, não se pode julgar como bons ou maus os comportamentos das criaturas irracionais; daí o sentido, diz o Aquinate, de Paulo dizer que Deus não se ocupa dos bois; não se pode cobrar dos bois o que se cobra dos homens.

<sup>43</sup> Lê-se em *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6, *ad* 8: (...) *e os brutos também podem sofrer.*

<sup>44</sup> *Provérbios* 12, 10: “O justo cuida das necessidades do seu gado, mas cruéis são as entranhas do ímpio”.

<sup>45</sup> SINGER, P. 2004, p. 222. Em *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6, *ad* 8 lê-se: “Mas pelo afeto da paixão, o homem é movido em relação aos brutos. Pois como a paixão da misericórdia nasce dos sofrimentos alheios, e sofrer podem também os brutos, no homem pode nascer o afeto da misericórdia mesmo para com o sofrimento deles. Ora, quem com os animais exerce o afeto da misericórdia está mais próximo a tê-los para com os homens. Donde dizer a Escritura [*Provérbios* 12,10]: *O justo atende pela vida de seus animais; mas as entranhas do ímpio são cruéis*”.

Eis, pois, exposto o exame e o parecer nada favorável que o filósofo utilitarista Peter Singer faz das ideias de Tomás de Aquino referentes ao uso dos animais. Singer expõe o pensamento tomasiano como sendo o paradigma da doutrina especista, que ele tanto se empenha em combater<sup>46</sup>. É importante notar que, para Singer, Tomás, mais do que qualquer outro pensador, teria exercido a habilidade de ocultar os mais elementares interesses humanos relativamente aos animais em meio a uma densa trama de ideias filosóficas e teológicas<sup>47</sup>. Para Singer, na questão do uso dos animais, Tomás é um mero ideólogo, ainda que, talvez, o maior deles.

### *Crítica às ideias de Peter Singer*

O leitor que toma contato com os textos de Peter Singer imerge em literatura de estilo polemista de inegável qualidade. O filósofo utilitarista australiano recorre a extenso elenco de técnicas de argumentação, que prendem a atenção do leitor e lhe inculcam um esquema de análise de larga aplicação, que não só se aplica à discussão do problema do uso dos animais, como também se ajusta a todos os temas de bioética e a muitos outros de ética em geral<sup>48</sup>.

Especificamente no âmbito da ética referente aos animais, uma das marcas da argumentação de Singer é a ideia de que as formas de uso dadas pelo homem

---

<sup>46</sup> Talvez se encontre na passagem seguinte, retirada de uma das obras de Peter Singer (*Ética prática*, cap. 10 – O meio ambiente, p. 283) o mais claro resumo da linha de pensamento a que o filósofo australiano considera que se opõe, cuja sustentação estaria fortemente estabelecida em Tomás de Aquino: “De acordo com a tradição ocidental dominante, o mundo natural existe para o benefício dos seres humanos. Deus deu a eles o domínio sobre o mundo natural e não se importa com a maneira como o tratamos. Os seres humanos são os únicos seres moralmente importantes desse mundo. Em si, a natureza não tem nenhum valor intrínseco, e a destruição de plantas e animais não pode configurar um pecado, a menos que, através dessa destruição, façamos mal aos seres humanos./ Por mais terrível que possa ser essa tradição, ela não exclui o cuidado com a preservação da natureza, na medida em que esse cuidado esteja associado ao bem-estar humano”.

<sup>47</sup> Parece que para Singer toda a tentativa de justificar o uso de animais não é senão a ocultação do interesse de comer carne. Isso fica muito claro quando Singer narra como Benjamin Franklin deixou de ser vegetariano (SINGER, P. 2004, p. 236): O célebre escritor e político viu numa pescaria que alguns peixes grandes haviam comido outros menores e concluiu que se era natural que os animais mais fortes comessem os mais fracos, ele poderia, então, comer os peixes. Singer ri-se do acontecido, que foi narrado pelo próprio Franklin, qual seja, que o odor agradável exalado pela frigideira havia feito o vegetariano mudar de ideia. Singer elogia Franklin, pois diz que “ele, ao menos, foi mais honesto” do que os outros, pois não se esforçou em ocultar seu desejo de comer carne em algum sistema elaborado de ideias.

<sup>48</sup> O livro *Ética prática*, por exemplo, ilustra isso. Nele Peter Singer discute, além do problema do uso dos animais, a questão do aborto, da eutanásia, do estatuto do embrião humano, do meio ambiente, da pobreza e das obrigações do estado.

aos animais dependeram unicamente da vontade humana. A teoria ética de Singer é impregnada de forte psicologismo. Para o filósofo utilitarista australiano, a espécie humana parece indelevelmente caracterizada pela vontade de exercer a tirania sobre todas as demais espécies animais. Destarte, as teorias elaboradas para tratar da questão das relações entre a espécie humana e as espécies animais não poderiam ser, na avaliação de Singer, mais do que justificativas espúrias do domínio humano e serviriam apenas para aquietar a consciência e prolongar indefinidamente a tirania do homem sobre o mundo natural.

A partir do pressuposto acima, Singer aparenta dedicar especial atenção aos sistemas teóricos elaborados para o estudo das relações entre a espécie humana e mundo animal que exibam construção apurada e complexa trama de ideias. Essas teorias exibem-se à análise do filósofo utilitarista como aberrações, cuja arquitetura deve ser minuciosamente evidenciada para que seus elementos constituintes possam ser criticados e refutados um a um. Não se pode, pois, deixar de lembrar que o moralista australiano considera essas teorias apenas como sendo compostos ideológicos destinados a mascarar interesses humanos mesquinhos e justificar racionalmente a tirania do homem sobre a natureza. A presença de ideias religiosas nesses sistemas teóricos parece incomodar Singer sobremaneira. De tudo isso, não é de estranhar que as ideias de Tomás de Aquino pertinentes ao tratamento dos animais tenham sido um dos alvos preferenciais das críticas do filósofo<sup>49</sup>.

A teoria de Tomás de Aquino sobre as relações do homem como os animais afigura-se a Peter Singer como terrível e se apresenta, talvez, como o principal sistema a ser combatido. Entende o filósofo australiano que tal sistema se resume à ideia de que Deus criou o mundo natural para o benefício dos seres humanos e deu ao homem o domínio sobre o mundo natural para que o tratasse como quisesse, sem regradar as formas de uso das plantas e animais; ficaria assim configurado um modo de viver inalterável, que o utilitarista considera que tem de ser combatido e rejeitado por razões éticas e estéticas.

---

<sup>49</sup> É certo que Peter Singer se ocupa com o Aquinate pela evidente influência que ele exerce ainda hoje. Um exemplo notável dessa influência encontra-se no *Catecismo da Igreja Católica*, publicado em 1999, onde se lê, no § 2417: “Deus confiou os animais ao governo daquele que foi criado à Sua imagem [Cf. *Gn* 2, 19-20; 9, 1-4]. É, portanto, legítimo servimo-nos dos animais para a alimentação e para a confecção do vestuário. Podemos domesticá-los para que sirvam o homem nos seus trabalhos e lazeres. As experiências médicas e científicas em animais são práticas moralmente admissíveis desde que não ultrapassem os limites do razoável e contribuam para curar ou poupar vidas humanas”. ([http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)). Ainda que o trecho transcrito não aponte claramente os vínculos com o pensamento de Tomás de Aquino, não há como negar que o texto catequético se embasa nas ideias do Aquinate. Outros parágrafos do *Catecismo da Igreja Católica* que se relacionam com o transcrito são: 373, 2415, 2416 e 2418.

Podem-se apontar vários problemas nas teorias de Peter Singer. O problema mais grave da análise empreendida pelo utilitarista australiano parece estar em ele discutir as formas de relação do homem com os animais sem considerar a perspectiva histórica complexa em que essas relações se desenvolveram. A análise de Singer padece de grave anacronismo. Singer analisa o pensamento de Tomás apenas à luz do que conhecemos hoje. Ele próprio admite isso, ao dizer que seria demasiado exigir do Aquinate que defendesse a adoção da alimentação vegetariana, por exemplo, numa época em que não havia estudos científicos que demonstrassem a viabilidade disso<sup>50</sup>.

À luz dos conhecimentos atuais, é impossível entender o atual domínio da espécie humana sobre a natureza sem relacionar esse estado de ampla ocupação territorial e de profundas alterações ambientais a ela correlacionadas, sem vincular essa situação ao domínio que historicamente os seres humanos estabeleceram de um considerável número de plantas e de animais. Explica-se o fato de ser o homem a espécie dominante do planeta pelo poder que lhe foi conferido pelas plantas agrícolas e pelos animais domesticados<sup>51</sup>; sem a associação que estabeleceu com essas espécies, o homem viveria na condição de caçador e coletor, pelo que pouco diferiria dos outros animais e exerceria impacto imperceptível na natureza. A expansão do homem pelo planeta vinculou-se à habilidade de ocupação de ambientes possibilitada pelas plantas e animais que ele dominou.

O pensador neotomista Jacques Maritain compreendeu esse importante aspecto da história natural da humanidade. Em suas conjecturas sobre filosofia da história<sup>52</sup>, o filósofo francês discorre sobre o fim natural da história do mundo, com base no que está posto em Gênesis, 1, 29, e diz:

“Lemos no *Gênesis*, 1, 29: ‘Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e

---

<sup>50</sup> SINGER, P. 2004, p. 222. Singer ajusta a sua argumentação e condena os pensadores cristãos contemporâneos que atacam ou desconsideram o vegetarianismo e sustentam suas considerações apenas no que diz Tomás de Aquino em *S.Th.* II-II, q. 64, a. 1, sem levar em conta as pesquisas científicas nutricionistas que mostram a viabilidade da alimentação vegetariana.

<sup>51</sup> Alguns livros expõem minuciosamente essa teoria. Recomenda-se a leitura do livro do historiador estadunidense Crosby, A. W. *O imperialismo ecológico: A expansão biológica da Europa, 900 - 1900* [*Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900*; 1986. Tradução: José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. 319 pp.] e o do biogeógrafo estadunidense Diamond, J. *Armas, germes e aço: Os destinos das sociedades humanas* [*Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies*; 1997. Tradução: Sílvia de Souza Costa et al. Rio de Janeiro: Record, 2001. 472 pp.].

<sup>52</sup> MARITAIN, J. *Sobre a filosofia da história* [*On the Philosophy of History*; 1959]. Tradução: Edgar Godoi da Mata Machado. São Paulo: Herder. 164 p., 1962.

sobre todos os animais que se movem sobre a terra'. Estas palavras referem-se ao domínio sobre a natureza: *sujeitai a terra*. E nunca devemos esquecer-nos de que este é um dos fins naturais da história do mundo. É algo temporal e terrestre, um fim, uma destinação real do mundo, já mencionado na Bíblia. O filósofo pode exprimir a mesma coisa em outros termos, se pensa na natureza do homem como um agente racional imerso na realidade. Pode dizer que esse fim é a conquista da autonomia do homem, a conquista da liberdade enquanto esta significa autonomia – libertação do domínio e da coerção exercidos pela natureza física sobre um ser que possui em si um elemento espiritual, e ainda libertação da escravidão que os homens exerçam uns sobre os outros”<sup>53</sup>.

Se a dimensão biológica dessa interpretação da história da humanidade for considerada e a autonomia e liberdade do homem estiverem intimamente vinculadas ao domínio que ele exerce sobre um grupo de plantas e de animais, que estão na base de suas atividades econômicas, então, à primeira vista, não há que esperar que as relações entre os homens e os animais mudem de forma a contentar Peter Singer minimamente. Não há como imaginar que a espécie humana possa viver sem o uso dos animais, sem colocar em risco a sua situação e alterar-lhe o estatuto de espécie dominante.

Há, contudo, que lembrar que se introduziu um outro elemento no sistema: a tecnologia. As máquinas em muito contribuem para que o que Maritain caracterizou, no trecho transcrito acima, como a luta do homem contra o domínio e a coerção exercidos pela natureza física sobre ele. Como as máquinas podem substituir os animais, elas podem atuar como um elemento que torna possível a libertação dos animais do jugo humano, que foi causado pela necessidade uso deles pelo homem para a busca de sua autonomia. Um dos defensores dessa tese, o filósofo e historiador Jacob Bronowski<sup>54</sup>, afirma que a Revolução Industrial despertou as pessoas para a crítica das relações sociais e também para as relações da espécie humana como os animais<sup>55</sup>. Diz Bronowski

---

<sup>53</sup> MARITAIN, J. *op. cit.*, p. 126 – 127.

<sup>54</sup> BRONOWSKI, J. O senso comum da ciência. [The Common Sense of Science]. Tradução: Neil Ribeiro da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

<sup>55</sup> Jacob Bronowski desenvolve a tese no primeiro capítulo do livro *O senso comum da ciência*, que se intitula *Ciência e sensibilidade*. Bronowski argumenta que com a Revolução Industrial o interesse humano concentrou-se no uso da força mecânica. Com o sucesso do domínio da força das máquinas, construiu-se a estrutura do mundo tal qual se conhece hoje. Das muitas coisas decorrentes do novo estado de coisas resultante dessa revolução, despertou uma nova forma de ver as coisas, que para Bronowski, permitiu a exposição clara das mazelas do mundo, dos problemas graves que havia no mundo do trabalho e, também, na transformação da paisagem. Isso, no entender do pensador, despertou os poetas e reformadores sociais para a nova crítica das relações sociais, no tocante às crianças, às mulheres e aos trabalhadores e também para as relações da espécie humana como os animais. A ideia de que a Revolução Industrial iniciou a mudança da forma de o homem ver os animais ajuda a explicar por que



enfaticamente para ilustrar sua tese: “Foi a máquina, foi a força dos cavalos mecânicos, que suscitou a comisseração pelo cavalo, e foi a Revolução Industrial que criou a nossa sensibilidade”<sup>56</sup>. Não necessitando mais da força do cavalo, visto que a força das máquinas a substituiu com sobras, o homem passou olhar o cavalo de outro modo e a tratá-lo melhor; a máquina libertou o cavalo. O cavalo auxiliou o homem a libertar-se de certas limitações naturais mas, ao fazê-lo, ficou submetido ao jugo humano; agora as máquinas que substituem o cavalo mantêm, e até ampliam, o grau de liberdade humana em relação à natureza e contribuem adicionalmente para libertar o cavalo do domínio humano.

Se há a possibilidade de mudar as atitudes do homem em relação aos animais por causa das novas formas de organizar as interações do homem com a natureza, com a mediação das máquinas, então um modo novo de análise deve ser considerado. Há que ponderar, por exemplo, que isso significa que, embora o cuidado com a natureza ainda esteja, segundo o modo ver o mundo centrado no homem, fortemente associado ao bem-estar humano, mesmo assim, ao contrário do que afirma Peter Singer, essa linha de pensamento pode valorizar os animais e almejar a libertação deles de certas formas de domínio humano. Como, pois, analisar e justificar uma mudança acentuada de atitudes relativamente aos animais estritamente dentro do esquema de ideias desenvolvido por Tomás de Aquino na *Suma Teológica*?

Talvez se possa discutir o problema proposto à luz o conteúdo de *S.Th.* I-II, q. 97<sup>57</sup>, em que o Aquinate trata da mutabilidade das leis humana. No artigo primeiro<sup>58</sup> da dita questão, Tomás admite que a lei possa ser mudada ao longo do tempo por razões de ordem prática de modo a que se passe de normas imperfeitas para outras menos deficientes que possibilitem melhorias do bem comum. Ora, poder-se-ia colocar que a lei natural estabelece a carnivoría e que o homem é carnívoro. Com base nisso, a lei e o costume poderiam facultar que os animais sejam mortos para o consumo alimentar de sua carne. Não quer dizer que não se possa mudar, em vista de alterações circunstanciais, de modo que o costume e as prescrições restrinjam ou mesmo proíbam a carnivoría humana<sup>59</sup>, se

---

Peter Singer aponta no livro *Libertação animal* que os pensadores passam a defender mudanças de atitude em relação aos animais a partir do período iluminista. Tese semelhante à de Bronowski encontra-se no livro do historiador inglês Thomas, K. *O homem e o mundo natural. Mudança de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)* [*Man and the Natural World. Changing Attitudes in England, 1500 – 1800*; 1983. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras. 454 p. 1988].

<sup>56</sup> BRONOWSKI, J. 1977, p. 18.

<sup>57</sup> *S.Th.* I-II, q. 97 – *Da mudança das leis/ De mutationem legum.*

<sup>58</sup> *S.Th.* I-II, q. 97, a. 1 – *Se a lei humana deve de algum modo ser mudada/ Utrum lex humana aliquo modo debeat mutari.*

<sup>59</sup> De outro modo, pode-se considerar o que ocorreria no tocante à ética da carnivoría em se tornando possível a produção de carne *in vitro* em escala industrial, com a técnica de cultura de

isso não causar nenhum mal às pessoas e for conforme a compreensão e a vontade delas.

Pode-se também considerar o que é longamente discutido em *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6<sup>60</sup> relativamente à existência de causa racional para as prescrições cerimoniais dos judeus antigos, assunto parcialmente discutido anteriormente neste artigo. Tomás discute se certas leis, pertinentes em grande número a questões dietéticas, são racionais ou irracionais e conclui que são racionais. Convém observar que, na interpretação do Aquinate, leis estabelecidas para proibir o tratamento cruel de animais visavam a educar o povo judeu e despertá-los para o comportamento compassivo para com o próximo, pelo exercício de misericórdia para com alguns animais. Assim se entenderia, por exemplo, o motivo de haver no Deuteronômio<sup>61</sup> a proibição de predação de aves de ninhos encontrados pelos campos e a de vetar que se coza o cabrito no leite da própria mãe, conforme se lê no livro do Êxodo<sup>62</sup>. Com base nisso, pode-se concluir que as leis são mutáveis e podem ajudar tanto no aprimoramento moral humano como na libertação animal do jugo do homem.

Os sistemas éticos centrados no homem não podem ser vistos necessariamente como empecilhos para a mudança das atitudes humanas em relação aos animais. O tomismo especialmente não parece oferecer nenhum obstáculo a isso. Um tomista, para exemplificar, pode ser vegetariano e pode

---

tecidos. A possibilidade de dispor de carne para consumo que não implique no sofrimento e na morte dos animais anula ou dificulta fortemente a defesa do vegetarianismo sustentada por Peter Singer.

<sup>60</sup> *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6 - *Se as observâncias cerimoniais tinham causa racional/ Utrum observatiarum caeremonialium aliqua fuerit rationalibus causa.*

<sup>61</sup> *Deuteronômio* 22, 6 - 7: “Se encontrares no caminho, sobre uma árvore ou na terra, o ninho de uma ave, e a mãe posta sobre os filhotes ou sobre os ovos, não a apanharás com os filhotes. Deixarás partir a mãe e só tomarás os filhotes, para que se prolonguem os teus dias felizes”. Observe-se que Tomás de Aquino refere-se em *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6, *obj* 8 apenas ao versículo 6 da referida passagem veterotestamentária; o versículo 7 não protege a ave selvagem da ação predatória, mas impõe pelo menos alguma limitação à ação humana.

<sup>62</sup> *Êxodo* 23, 19: *Trarás à casa do Senhor, teu Deus, as primícias dos primeiros produtos de tua terra. Não cozerás um cabrito no leite de sua mãe.* Tomás de Aquino trata da referida prescrição culinária em *S.Th.* I-II, q. 102, a. 6, *obj* 4; comenta o Aquinate que embora o cabrito morto não sinta o cozimento de suas carnes é já suficientemente cruel imaginar o pequeno animal ser preparado no próprio leite que o amamentou; além dessa função de educação da sensibilidade, o decreto proibitivo visava, assim entende o Aquinate, a evitar que os judeus repetissem esse ato que os gentios executavam em cerimônias idólatras, em que a carne cozida do cabrito no leite materno era consumida após ser ofertada, pelo que, portanto, a prescrição veterotestamentária tem uma dupla finalidade, tanto apura a sensibilidade quanto afasta da idolatria.

sustentar sua opção, *mutatis mutandi*, sobre a mesma argumentação usada por Peter Singer<sup>63</sup>.

Ao contrário do que afirma Singer, certas mudanças de pensamento no âmbito cristão não se caracterizam como afastamento do tomismo, mas como desenvolvimento dele. É possível conceber o ecotomismo<sup>64</sup>, isto é, pode-se compor uma teoria ambientalista plenamente compatível com a doutrina tomista, capaz de der conta de todas as questões prementes que dizem respeito às relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Os papas parecem assim pensar. João Paulo II, que como mencionado foi citado por Singer<sup>65</sup>, para indicar a existência de mudanças no pensamento católico relativamente à questão do uso dos animais e da natureza em geral, não estaria, ao contrário do que pensa o filósofo australiano, se afastando ou rompendo com a tradição tomista. Bento XVI, em

---

<sup>63</sup> O tomista pode até mesmo ser vegano. Singer (2004, p. 198) define “vegans” como “os que não comem carne de animais, nem leite e nem alimentos feitos com leite.” De forma mais radical, o vegano pode abster-se de usar qualquer produto de origem animal, não se restringindo exclusivamente à questão dietética.

<sup>64</sup> Parece que o termo *ecotomismo* foi usado pela primeira vez por Pamela A. Smith, SS.C.M., na sua tese de doutoramento (Ph.D. Dissertation), de 1995, apresentada na *Duquesne University*, *Aquinas and today's environmental ethics: An exploration of how the vision and the virtue ethic of 'ecothomism' might inform a viable eco-ethic (Saint Thomas Aquinas)*. De acordo com um resumo da obra, três aspectos do estudo merecem realce: 1. O tomismo dá base para uma moral ambientalista capaz de criticar a atual crise ambiental; 2. Conceito contemporâneo importante, como o de *sustentabilidade*, encontra respaldo na ética tomista das virtudes (prudência e temperança); 3. O ecotomismo faz frente às principais forças do pensamento ambientalista contemporâneo, como a ecologia profunda, o direitos dos animais, o ecofeminismo e o naturalismo holista.

<sup>65</sup> SINGER, P. 2004, p. 222 – 223. Singer transcreve, quase na íntegra, um trecho do número 34 da encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, de 30 de dezembro de 1988: “O domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de «usar e abusar», ou de dispor das coisas como melhor agrada. A limitação imposta pelo mesmo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente com a proibição de «comer o fruto da árvore» (cf. *Gn 2, 16 -17*), mostra com suficiente clareza que, nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas”. ([http://www.vatican.va/edocs/POR0070/\\_\\_\\_P5.HTM](http://www.vatican.va/edocs/POR0070/___P5.HTM)). Após a transcrição, Singer diz: “Que um Papa rejeite tão claramente a noção de domínio absoluto é bastante promissor, mas é muito cedo para dizer se isso assinala uma mudança histórica” no pensamento católico referente às questões ambientais. Todo o número 34 da encíclica refere-se ao problema ambiental e não parece difícil encontrar sustentação do que é ali colocado com o que está sendo analisado neste artigo. Na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o papa João Paulo II, cita a *Suma Teológica* apenas uma vez, e o faz, no número 42, ao dizer que *é necessário recordar mais uma vez o princípio típico da doutrina social cristã: os bens deste mundo são originariamente destinados a todos*; na nota (78) vinculada a esse período, aponta-se “São Tomás de Aquino, *Summa Theol.* IIa IIae, q. 66, art. 2.” Todo o número 34 da encíclica refere-se ao problema ambiental e não parece difícil encontrar sustentação do que é ali colocado com o que está sendo analisado neste artigo.

manifestação recente sobre questão ambientalista, refere-se a uma questão da *Suma Teológica*:

Deste modo, a crise ecológica oferece uma oportunidade histórica para elaborar uma resposta coletiva tendente a converter o modelo de desenvolvimento global segundo uma direção mais respeitadora da criação e de um desenvolvimento humano integral, inspirado nos valores próprios da caridade na verdade. Faço votos, portanto, de que se adote um modelo de desenvolvimento fundado na centralidade do ser humano, na promoção e partilha do bem comum, na responsabilidade, na consciência da necessidade de mudar os estilos de vida e na prudência, virtude que indica as ações que se devem realizar hoje na previsão do que poderá suceder amanhã<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Bento XVI. Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz. 1º de janeiro de 2010. Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação. ([http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20091208\\_xliii-world-day-peace\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html)). O trecho da mensagem papal transcrito está no número 9 e termina com a nota de rodapé número 21, onde se lê: *Cf. São Tomás de Aquino, Summa theologiae, II-II, q. 49, 5*. O artigo apontado trata de *Se a razão deve ser considerada parte da prudência / Utrum ratio debeat poni pars prudentiae*; parece que o artigo seguinte da mesma questão também é adequado para dar suporte à ideia defendida por Bento XVI, visto que o Aquinate, ao tratar de *Se a providência deve ser considerada parte da prudência / Utrum providentia debeat poni pars prudentiae*, aponta para a necessidade de previsão do que se sucederá amanhã em virtude do que se fizer hoje.